

## O que dizem os Professores

Como uma pesquisa sobre imagens do professor poderia fechar os olhos para os professores “de verdade”? Como uma pesquisa sobre imagens do professor poderia não ouvir a voz dos professores “de verdade”? Eles estão ali, na mesma universidade onde se faz este trabalho, dando suas aulas de literatura, de filosofia, de educação, de sociologia, de teologia, como não ouvi-los? Como fazer uma pesquisa sobre professores sem perguntar aos próprios como eles se sentem, o que pensam sobre sua profissão, que imagem tem deles próprios em salas de aula? Eles estão satisfeitos? Felizes, frustrados? “Hei de vencer, mesmo sendo professor” – o plástico ainda valerá, 30 anos depois?

E mais: terão os professores “de verdade” algo a ver com os nossos professores “de mentira”? Haverá pontos de interseção entre a ficção e a realidade? Até que ponto os discursos se aproximam e se distanciam?

Os professores entrevistados, pertencentes a diferentes departamentos da PUC-Rio, foram escolhidos porque, além de sua excelência acadêmica, reconhecida por toda a comunidade acadêmica (e certamente muito além dela), têm algo em comum: o grande interesse pela literatura brasileira. Os professores entrevistados são leitores. Coincidência? Acaso? Ou algo aconteceu em suas vidas que os transformou em leitores e também em professores?

A literatura não se isola do estudo das outras artes, diz Bakhtin. O que vemos é sempre determinado pelo lugar de onde vemos. Por outro lado, o que lemos determina o que somos. Essa necessária e produtiva complementaridade, que forma a base da noção bakhtiniana de diálogo, justifica essas entrevistas. Este trabalho não poderia não ouvir os mestres. Pois é no jogo das vozes, às vezes tão próximas, às vezes tão distantes, que podemos construir, não uma síntese – não nos interessa aqui simplificar, definitivamente a vida não é uma questão objetiva – muito menos a literatura –, mas um conhecimento que nos aponte caminhos, indícios, sentidos. A idéia do “diálogo inconcluso”, da “atitude dialógica em direção ao sentido”, talvez seja o ensinamento mais vivo e permanente de

Bakhtin. E é essa dicção multiforme que não cessa de instaurar a polifonia de sua obra, que também desejamos para esta pesquisa. Ouçamos os mestres.

## 6.1

**“Ele quebrou o padrão e acho que isso foi estimulante para a turma.”**

**(ou “O professor Eduardo Jardim”)**

Eduardo Jardim é professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Estudou em uma escola tradicional da cidade; exclusiva para meninos, lá não havia também uma professora sequer. Desta época, nenhum professor ficou guardado na memória. Talvez porque todos tivessem uma relação formal com os alunos, talvez não. Os primeiros livros vieram de casa, sugeridos pela mãe e pelo pai, um professor universitário. Foram eles que apresentaram Eduardo a Manuel Bandeira. O ritmo do poeta logo encantou o menino, mesmo sem entender muitas vezes o que estava escrito ali: Passárgada, afinal, seria o quê? “Eu era um leitor apaixonado”, confessa Eduardo. E era com o mesmo prazer que ele lia a Antologia Nacional, leitura obrigatória nas escolas, coletânea que funcionava como um manual de literatura, com textos colhidos desde o período colonial até o século XX. “Eu adorava ler a Antologia, mas eu lia muito silenciosamente, não tinha interação nem com professor nem com ninguém. Só mais tarde, pela literatura francesa, que eu tive uma aproximação mais escolarizada da leitura.”

A aproximação veio através de um professor de francês, que trazia para a escola questões contemporâneas, polêmicas, e, rompendo com uma tradição pedagógica, fascinava os alunos. “Talvez o professor mais criativo, que instigue mais, seja mais estimulante para você ler e se interessar pelas coisas. A maneira como esse professor ensinava foi uma revelação para mim. E eu aprendi francês numa velocidade impressionante, para ler os textos que ele ia ensinando. A gente leu desde Standall até a literatura contemporânea, líamos muito Sartre. Foi um estímulo grande que tive para a literatura.”

Do colégio, acabou seguindo para a faculdade de Ciências Sociais. Na Bélgica, estudando, percebeu seu interesse pela Filosofia. A sala de aula foi uma consequência natural. “Quando estava estudando Sociologia, eu me encantei por

Filosofia e resolvi começar de novo. A única saída que tinha, então, era ser professor. Eu nunca tive um ideal de ser professor, pensava, sim, em estudar Filosofia, que eu sempre trouxe para perto da literatura. Isso foi uma coisa minha, meu interesse pela literatura veio junto.”

Hoje, Eduardo dá aulas na graduação e pós-graduação. “Imagem minha como professor? Não sei. Tem que perguntar para os meus alunos”, brinca ele. “Acho que a minha imagem aproxima-se da figura daquele professor de francês. Não sei se me preocupei algum momento com isso. Na universidade, é diferente. A gente tem um contato mais próximo com os alunos. Na época o que esse professor fez foi quebrar um pouco a relação muito formal que os professores tinham com os alunos. Ele quebrou o padrão e eu acho que isso foi estimulante para a turma.”

Para Eduardo, a imagem do professor universitário é prestigiada. “A gente vive num ambiente de professores universitários de uma elite, não posso falar muito de professores em outros contextos. No contexto em que eu sempre vivi, eu acho que tem uma imagem positiva. Eu vim de um ambiente em que meu pai era professor universitário, esse contato com a universidade sempre me foi muito próximo. Eu tinha todos os recursos para poder ser um professor universitário, não fiz nenhuma ruptura.”

Para ele, não é possível falar em um professor brasileiro, assim como não se pode falar de um perfil de universidade no país. “Acho que tem uma diversidade de perfis e não acho que isso seja ruim, acho que a universidade deve atender a várias demandas. Eu tenho contato com uma universidade que tem ensino, pesquisa, pós-graduação, etc., mas certamente professores de uma universidade só de graduação devem ser diferentes do professor com quem eu estou mais em contato.”

O professor que concilia a literatura com a filosofia não se esqueceu do conto de Clarice Lispector, *Os desastres de Sofia*.

## 6.2

**“O professor tem que saber da sua importância para ressignificar seu lugar.”**

**(ou “A Professora Solange Jobim”)**

O primeiro professor que a psicóloga e professora Solange Jobim (professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio) conheceu foi seu pai, que dava aulas de português e inglês. “Ainda pequena, eu comecei a ler e escrever com meu pai, em casa, e isso foi muito importante na minha vida. Ele me ensinou a ler a partir dos livros de literatura, mas também me obrigava a fazer cópias, caligrafia, etc. Ele não era um alfabetizador, era professor de adolescentes, mas gostava de sentar comigo e me ensinar. Quando eu entrei para a escola, eu já sabia ler e escrever. Acabei entrando direto na segunda série.”

Foi em casa, cercada de livros, que Solange tomou contato com a literatura. “Tinha muito livro na minha casa, meu pai lia muito, ele gostava muito de literatura. Eu também tinha um tio, irmão de meu pai, que era um leitor assíduo. Ele ia à nossa casa e levava muitos livros. Aos domingos, antes do almoço, ele lia comigo em voz alta – era a hora da leitura.”

Além dos livros, a literatura chegou à professora através do rádio. Diariamente, às seis da tarde, a família se reunia em torno do pequeno aparelho para ouvir encantada as histórias dirigidas às crianças. E como se não bastasse, o pai ainda fazia da casa um palco.

O professor apaixonado naturalmente ia querer que a filha se tornasse uma professora. Mas, mesmo admirando o brilho e a inteligência do pai-mestre, Solange resistiu, tanto que foi fazer o Clássico e depois o curso de Psicologia – sempre com interesse voltado para as questões da infância, talvez porque, precocemente, tenha se inserido no mundo adulto. “A única referência de literatura infantil que eu tenho é o Mundo da Criança e as Fábulas de La Fontaine. Os outros livros que povoavam o meu espaço eram livros de adulto. José de Alencar, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Oscar Wilde.”

A literatura fez Solange despertar o interesse para as questões humanas. A professora lembra: quando adolescente, leu *Infância* de Graciliano Ramos. A leitura trouxe as lembranças da escola e do primeiro dia de aula. “Antes de ir para

a segunda série, minha mãe tentou me colocar num jardim de infância e foi impossível. A escola me pareceu absolutamente ameaçadora, assim como para o menino de *Infância*. Eu não entendia por que eu estava ali, eu sentia abandono: ninguém mais vai voltar aqui para me pegar, minha mãe vai me esquecer. Então, quando li o livro, pensei: eu entendo, eu entendo essa sensação de abandono.”

Passado o susto (dependendo de como a criança é levada à escola e como é acolhida, a psicóloga acredita que até hoje, a escola, por ser um espaço desconhecido, cria uma vulnerabilidade), Solange passou a ver a escola como um bom lugar. Nenhum professor especificamente a marcou, o que não significa que eles não tenham sido importantes.

“Na minha época, a família e a escola eram referências fundamentais, era de onde a gente se constituía como sujeito, de onde a gente percebia o mundo – as janelas do mundo se abriam para nós através desses espaços. Obviamente, existiam outros espaços da brincadeira entre crianças, no prédio, por exemplo, mas a gente se apoiava muito no universo adulto.”

A sociedade de consumo, os meios de comunicação, a mídia, mudaram esse equilíbrio. “Hoje o universo adulto não é mais esse porto seguro, tem toda uma espécie de atravessamento, dos meios de comunicação; a criança está interagindo com tudo isso, de forma imediata e, na maior parte das vezes, sem a interação do adulto.” Para Solange, isso faz com que a criança crie uma autonomia que, se por um lado tem aspectos positivos, por outro é perversa, pois cria uma auto-suficiência que muitas vezes é uma ilusão. “A criança recebe uma série de informações e ela está um pouco só para trabalhar tudo isso, o que em geral gera angústia. Por outro lado, os adultos, quando chegam, se espantam, porque eles não reconhecem aquilo que a criança traz como experiência, porque de fato a criança não pegou aquilo no pai, no professor, e sim na mídia. Há aí uma fratura; são universos que transitam paralelamente, mas que estão trocando com menos intensidade.”

Nesse contexto, caracterizado por uma autonomia infantil precoce, Solange percebe que o professor fica desamparado. Para a mestra, é urgente que o professor reconstrua seu lugar, o que requer um esforço grande dele para se reaproximar dos universos que são importantes para a criança. “Nós temos mostrado como é importante os professores se integrarem ou participarem desse

mundo que está chegando às crianças, independentemente dos adultos. O professor também pode criar espaços de interlocução que tragam oportunidades para a criança de experiências de outra ordem.”

Solange chama atenção para a desvalorização que há hoje do discurso do professor, em parte devido ao contexto social e cultural, essencialmente formado pela cultura do consumo e sociedade de informação, caracterizadas por coisas ágeis, rápidas. Nesse sentido, é fundamental que o professor tenha consciência do lugar histórico que ocupa, que, aliás, está sempre mudando. “O professor tem que saber da sua importância, para ressignificar seu lugar e criar alternativas, não só trazendo a sua história, mas tentando entender a história que a criança traz. Isso significa reconhecer que a criança olha para esse mundo de uma perspectiva própria, que ela não tem a história que eu tenho, mas, à medida que participo do presente com olhar atento, observando as coisas que vivi, percebendo as diferenças significativas, posso trazer isso para o diálogo com a criança. Na medida em que o professor se situa nessa nova dimensão, ele começa a se perguntar – o que eu posso estar aqui fazendo para interagir com as crianças? – e a ter uma escuta, seduzindo as crianças para as questões que ele julga fundamentais”, diz a professora.

O trabalho de ressignificação exige uma boa formação cultural do professor. “Só uma formação ampla, sólida, permite ao professor se sentir seguro para se ver como um sujeito histórico.” Assim, mais que métodos e investimentos em metodologias e técnicas (aos quais todo professor deve naturalmente ter acesso, uma vez que são tentativas de se pensar a relação ensino-aprendizagem a cada momento), é essencial investir numa formação ampla, que permita ao professor diversas linguagens. “O que a gente tem que priorizar é a importância do acesso a diferentes formas de narrativas que estão se constituindo hoje. Não é porque uma linguagem é de acesso fácil e rápido, que nós não temos que lutar por outras formas de acesso a essas narrativas. Para os professores, por exemplo, entenderem o uso que as pessoas fazem da mídia, é preciso que eles entendam como as coisas foram parar lá. Eles têm de reconstruir o processo de criação da mídia. A escola tem, assim, de permitir que tanto as crianças quanto os professores percebam a trajetória da criação daquela narrativa, pois aí você estará lidando com as escritas atuais, as leituras atuais.”

O caminho passa obrigatoriamente pela leitura. Mesmo considerando que as formas de leitura (e de narrativa) estão se modificando, devido aos meios – a própria literatura está sofrendo interferências midiáticas – Solange acredita na importância da leitura. “O professor que se propõe a mostrar que as coisas são assim, mas nem sempre foram, dá sentido para o discurso da criança, ele torna viável à criança perceber que existem outros sentidos. Desnaturaliza aquele acontecimento de uma visão única. Afinal, a gente vive uma imposição muito grande, a linguagem televisiva tem suas perversões, as crianças ficam muito direcionadas para uma repetição daquilo a que elas têm acesso e se nós não tivermos uma interferência, não há como viabilizar a diversidade”, diz ela.

A educação tem, portanto, a função de possibilitar a diversidade. Nesse contexto, a principal função do professor é investigar junto às crianças, ir descobrindo, trabalhando. “Como o professor tem uma experiência de outra ordem, ele pode sinalizar. O papel do professor não é mais de trazer informação, ele tem é que organizar a informação disponível. Quanto mais rico for esse professor culturalmente, mais ele vai ter a capacidade de trabalhar esse material”.

O sentido da educação para Solange Jobim é inequívoco: trabalhar o que está disponível, questionar, discutir, criar novos critérios de qualidade – “porque os critérios que eu tinha como referências não podem ser retirados e colocados para as questões que estão sendo discutidas hoje, isso geraria um preconceito na minha discussão. Eu tenho que ressignificar algumas coisas da minha experiência para poder criar critérios novos de avaliação para o que está acontecendo hoje. Olhar sem amarras, sem anteparos, porque se não, vou achar que só se criaram coisas boas na minha época, o que não é verdade.”

Esta reflexão traz à tona a questão central da docência hoje para Solange Jobim: como tornar as pessoas não só consumidoras, mas produtoras. “Cada vez haverá menos diferença entre quem consome e quem produz. Essa é a grande questão que, sem dúvida, deve ocupar as salas de aula e o trabalho dos professores: como nos tornamos produtores e consumidores críticos, que estão atualizando narrativas que trazem contribuição para a experiência humana”.

### 6.3

#### **“Por causa deles resolvi me dedicar à pesquisa.” (ou “A professora Eliane Junqueira”)**

Socióloga, professora do Curso de Direito na PUC, Eliane Junqueira fala com entusiasmo sobre os professores que marcaram sua trajetória: “D. Jandira, de História, na primeira série ginásial, no Sacre-Coeur de Marie. Era uma professora muito brava, tínhamos de decorar o livro de história. Seria a professora de Cazuza? Ela sorteava um nome e a criança tinha de recitar o livro. Ainda me lembro de como transformei uma vez o texto em uma música para decorar sobre a invasão de Pernambuco pelos holandeses. Verdade seja dita: nunca mais esqueci a data da invasão – 1637! Tive um professor adorável de história no primeiro ano clássico, não me lembro o nome, mas pela primeira vez passou uma perspectiva crítica da história. Lembro-me que nas férias de julho viajei para Portugal e comprei dois livros da história de Portugal para ele. Tive dois excelentes professores (também de história – por que não fiz história?) no terceiro ano clássico, época de preparação para o vestibular: o Chico Alencar (político) e a Lucia Hippolito (jornalista). Ele ensinava História do Brasil e ela, História Geral. Na faculdade (curso de direito da PUC-Rio – 1976-1979) me lembro principalmente do professor Carlos Alberto Plastino, que ensinou sociologia jurídica no meu último semestre da faculdade. Por causa dele, resolvi fazer mestrado e depois comecei a trabalhar com ele no IRI, em uma pesquisa sobre as relações Norte-Sul dos países e, mais tarde, como adjunta da coordenação de pós-graduação. Também fui muito influenciada, no último ano do curso de direito, por dois professores que trabalhavam com pesquisa: um sobre sistema penitenciário (Elizabeth Sussekind, ainda hoje na PUC) e outro sobre moradia (Gabriel Lacerda). Por causa deles resolvi me dedicar à pesquisa.”

Sobre livros que falem de professor, Eliana fala: “só me lembro do *Cazuza*. De *Cazuza* me lembro do professor carrancudo, que castigava o menino que não conseguia aprender porque estava cheio de vermes. Não era uma questão de inteligência nem de interesse, mas de doença. É a imagem do professor na literatura que mais me marcou.”

## 6.4

### **“Ser professor é uma questão de sobrevivência.” (ou “O professor que não quer ser identificado”)**

Um professor da PUC-Rio que não quis se identificar diz estar pessimista em relação ao ensino e descrente no papel da universidade e dos professores. “Acho que a universidade é apenas um rito de passagem e que os professores têm um papel meramente decorativo”. Para ele, ser professor é apenas uma falta de opção, uma questão de sobrevivência. Ele gostaria de ser pesquisador, mas como na universidade não há esse cargo, é professor. “Ser professor era o único caminho para ficar na academia.”

Este professor reconhece que ainda há muitos professores universitários que gostam sinceramente de dar aulas: estes não são necessariamente os do quadro principal, que se dedicam apenas à docência (sem outra atividade profissional), diz ele, “muitas vezes, um professor horista, que ensina apenas para uma turma, identifica-se ainda mais com a docência. De maneira geral, os professores consideram muito importante ensinar, e consideram muito importante aquilo que ensinam, suas disciplinas.” Não é o seu caso: ele não tem mais ilusões, e acha que a sala de aula é uma necessidade, não um desejo.

Este professor julga que a dedicação à academia é impulsionada sobretudo pela vaidade, pelo desejo de reconhecimento – ser reconhecido nacional e internacionalmente, ser convidado para congressos, publicar e ser lido, ser considerado uma referência na área etc. “Nessa minha fase crítica, acho que a academia é uma massagem no nosso ego, que nos dedicamos à pesquisa e à docência apenas por uma vaidade extrema.”

## 6.5

### **“Minha avó me ensinou a admirar a profissão.” (ou “A professora Maria Clara Bingerman”)**

Maria Clara Bingerman é professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É também a Decana do CTCH – Centro de Teologia de Ciências Humanas da universidade. Junto à professora Eliana Yunes, dá cursos que articulam teologia e literatura brasileira.

Maria Clara sempre foi uma apaixonada pela leitura. Quando tinha 11 anos, já tinha lido toda a coleção de Monteiro Lobato. Também a coleção da Condessa de Seguir. “Nas férias, o programa era ler”, conta ela. A paixão pela leitura começou com a família e continuou na escola. Ela se lembra que, na escola (Colégio Sion), a professora obrigava os alunos (ou melhor, as alunas – a escola era só de meninas) a escrever um relatório sobre três leituras feitas nas férias. O que poderia ser um dever era para Maria Clara prazer: “o mundo da leitura sempre foi muito fascinante pra mim”, diz ela. Mundo que continua a mobilizá-la: “meu marido é um leitor voraz, nós lemos muito, estamos sempre lendo e comentando livros”.

Maria Clara não pensava em ser professora, apesar de toda a admiração que tinha pela profissão. Única neta da avó professora, tinha o maior respeito pelos professores: “minha avó me ensinou a admirar a profissão”, diz ela.

Devido à referência da avó – ou não –, a imagem que Maria Clara traz do professor na literatura brasileira é de Dona Benta, a avó de Narizinho e Pedrinho: “Li a coleção inteira. Foram os livros que mais me marcaram.”

## 6.6

**“Para mim, sair de casa para dar aula é uma alegria, é como jogar futebol na praia.”**

**(ou “O professor Júlio Diniz.”)**

“Era uma escola pequena, funcionava numa casa antiga, o pé direito era alto, o quintal, enorme, tinha muitas árvores, janelas enormes de pinho de riga, o chão rangia, havia barulho de rato no porão” – assim o diretor do departamento de Letras da PUC-Rio, o professor Júlio Diniz, vai nos conduzindo à sua primeira escola. Professor de literatura, Júlio sabe que a memória prescinde de objetividade; a memória se confunde com a ficção: “mexe com aquela coisa de Monteiro Lobato dentro da gente, meio Sítio do Picapau Amarelo”, diz ele sobre o espaço que o encantou desde o primeiro momento: “Eu me lembro do cheiro da sala, eu me lembro do cheiro do caderno. O cheiro da massinha colorida, eu sinto até hoje. O lápis, apontar o lápis de cor, eu me lembro. Dona Yeda, a diretora, tinha aquele apontador de aço, sonho de consumo de todos nós: nós queríamos perder nosso apontador para poder apontar lá”, conta ele.

E não é só na memória que as lembranças ficaram guardadas: guardados estão os primeiros cadernos, as primeiras provas, guardados os bilhetes das primeiras professoras, as fotos dos primeiros dias de aula. “Se você quiser, eu te empresto todo esse material”, diz ele orgulhoso, certo de que aquele material não foi reunido à toa pela mãe.

A primeira escola, os primeiros professores. Professoras, aliás. “Todas as professoras que eu tive no primário eram professoras-mães. De uma paciência enorme”, confessa ele. Dona Mirtes foi a alfabetizadora e, de suas aulas, Júlio guardou o prazer da descoberta, o clima lúdico que as palavras instauravam.

Contrapondo-se à figura da professora maternal, havia a diretora, D. Yeda, a dona do apontador de aço: “Tínhamos medo dela. Ela parecia autoritária, mas nos dias em que alguma professora faltava, era ela que assumia a sala e nós gostávamos muito, era muito divertido.”

Júlio também não se esquece da alegria que tomava conta dele e dos amigos ao encontrar um professor na rua. “Uma das coisas que mais nos encantavam era encontrar o professor fora da escola. Era uma loucura. Eu

cochichava para minha mãe: ‘mãe, ali está a minha professora...’ A professora era respeitada, por ela os alunos sentiam profunda admiração, embora também houvesse um certo medo. Mas havia um respeito muito grande.”

Na escola do menino que gostava de contar histórias e de representar – “eu era o ator da turma” –, lia-se muito. Está certo que os primeiros livros foram os livros do pai – Robinson Crusóé terá sido o primeiro? O pai ganhou o livro do professor de inglês e o filho não se importou se não entendia sequer uma palavra do que estava escrito ali: valia era folhear as páginas, ver as figuras, contar e recontar uma história. “Por outro lado, meu avô costumava me buscar na escola e me levar ao cinema, então, eu misturava as imagens dos filmes de caubói, dos filmes de pirata, com as imagens daquele livro”.

O fascínio pelo lúdico, pelas palavras, pelos livros, continuou no estudante que fazia questão de levar à risca sua juventude: rebelde, cabeludo, artista, fã de *rock and roll*, ele não deixava a vida passar em branco. Nem as palavras. Nas turmas do chamado ginásio, no colégio só de meninos, em Niterói, uma mulher baixinha, negra, provocadora, grande leitora, iria mostrá-lo que a vida e a narrativa não se dissociam. Era Francisca Nóbrega. Depois, Jorge Ney – a soma dos dois deu a Júlio a certeza de que seu destino eram as letras. “Eu queria ser uma mistura desses dois professores”, reconhece ele.

Em 1975, os salesianos levaram o estudante de volta à sala de aula, agora, como professor. Sandália de dedo, calça jeans, 18 anos, ele foi substituir uma professora, de licença-maternidade. Nunca tinha dado uma aula, mas a turma estava ali, pronta para ouvi-lo. “Naquele momento, ou eu me tornava professor ou teria desistido.” Não desistiu. Com 28 anos, já era professor universitário.

Passados 22 anos, que imagem ele acha que o professor universitário tem? Que imagem ele mesmo tem de si, como professor?

“A função social do professor está desvalorizada. A admiração que o professor provocava se perdeu. As pessoas ficavam enlouquecidas diante de um bom professor. Hoje, a elite econômica olha para o professor na universidade e acha que está pagando o professor. A família perdeu sua força de formação do cidadão e transferiu para a escola a formação que ela não consegue dar. O professor pode ser tudo, mas não é pai, muito menos mãe, menos ainda assistente social”, diz ele. Para Júlio, a desvalorização da figura do professor não acontece

só no Brasil, é uma questão generalizada. “O professor hoje é ameaçado em todos os lugares do mundo: pode levar um tiro numa escola de elite, pode ser agredido numa escola de periferia.” O professor lembra, no entanto, que em muitos países a importância do mestre é absolutamente crucial, “ele é o único elo da civilização com a barbárie, do saber com a vontade de modificação.”

Para o professor, o magistério exige uma militância, militância política – independentemente de se ter ou não partido político. Militância que ele julga fundamental, mas não suficiente. “Há de se ter conteúdo”, lembra. “A função do professor está ligada à cultura. E quem está numa área de educação e cultura não pode se conformar: se for conformado, desiste. Dar aulas não é um trabalho burocrático, é um trabalho de criatividade. Cada aula é um desafio.”

Sua imagem junto aos alunos? “Nenhuma imagem coincide com o desejo, você pode se aproximar ou se distanciar, mas coincidir não. O desejo é tão difuso e confuso que é difícil haver convergência total. Eu sinto que tenho uma relação privilegiada com meus alunos. Por conta de carisma, talvez, de gostar do que faço, de saber do papel que desempenho, da minha alegria diante da vida. Eu gosto muito dessa profissão. Gosto sinceramente, imensamente.”

Na sala, Júlio mantém a turma dentro do que chama da “anarquia organizada” – por mais paradoxal que isso possa parecer. Faz questão de estabelecer com alunos uma relação que fuja de qualquer norma burocrática; incentiva os debates, as discussões – suas aulas passam longe da frieza que costuma marcar a chamada comunidade científica. “Nietsche faz uma distinção entre professor e educador. Professor para ele é um fariseu, aquele que repete conteúdo, repete procedimentos. Educador é o que transgride, que faz do saber uma festa, que tem uma vontade de transformar o ambiente. Eu quero ser um educador. O lugar da cópia não me interessa; eu quero o seminário, o diálogo, o debate.”

Para Júlio, é impossível se imaginar fora da sala de aula por muito tempo – “preciso do coletivo; a ausência da sala é terrível, é de uma solidão imensa. É como um cineasta que resolvesse não mais fazer filme.” Também impossível se imaginar longe dos livros: “Leio tudo: leio jornal, revista, ficção. Vários livros ao mesmo tempo, tenho muitos óculos como garantia. Posso ler meia página, meia

página de Fernando Pessoa, meia página de Clarice, meia página de Octávio Paz – só não posso ficar sem ler.”

Para Júlio, não há dúvidas: para despertar o prazer da leitura, há de se gostar dos livros.

O professor que já deu aulas fora do Brasil sabe que a sua missão não é pequena: o professor brasileiro tem que ser um artista no mundo. “Aliás, brasileiro só pode ser um artista no mundo para ser reconhecido, professor ou não. Ele tem que ter a coisa estética, do corpo. Se quiser ‘bancar’ cientista, fica complicado. Não pode perder a sua identidade, tem que entender que o lugar dele é diferente.”

Um lugar especial, um lugar do qual ele não abre mão, talvez porque como Ulisses, o professor de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector – um dos professores que o marcaram na literatura brasileira – sabe que, a cada dia em sala de aula, ele “experimentará em cheio a grande alegria que é de se comunicar, de transmitir”<sup>342</sup>. E como um menino, sentirá, dando aulas, a mesma alegria de quando joga bola na praia.

---

<sup>342</sup> LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 92.